

ZACARIAS KAPIAAR GAVIÃO

**BEKÁH: O LUGAR DA EDUCAÇÃO TRADICIONAL
GAVIÃO**

Ms. Genivaldo Frois Scaramuzza

Orientador

Ji – Paraná – Rondônia, Março de 2015

Gavião, Zacarias Kapiaar
G283b Bekáh: o lugar da educação tradicional Gavião / Zacarias Kapiaar
2015 Gavião; orientador, Genivaldo Frois Scaramuzza. -- Ji-Paraná, 2015
39 f. : 30 cm

Trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Educação
Básica Intercultural. – Universidade Federal de Rondônia, 2015
Inclui referências

1. Educação indígena - Rondônia. 2. Povos indígenas - Rondônia.
I. Scaramuzza, Genivaldo Frois. II. Universidade Federal de Rondônia.
III. Título

CDU 376.7 (811.1)

Bibliotecária: Marlene da Silva Modesto Deguchi CRB 11/ 601

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL - DEINTER
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO BÁSICA INTERCULTURAL**

Por:

Zacarias Kapiaar Gavião

**BEKÁH: O LUGAR DA EDUCAÇÃO TRADICIONAL
GAVIÃO**

Monografia submetida ao Departamento de Educação Intercultural da Fundação Universidade Federal de Rondônia - Campus de Ji-Paraná, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciado em Educação Básica Intercultural.

Ji – Paraná – Rondônia, Março de 2015



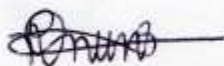
Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR
Departamento de Educação Intercultural – DEINTER
Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural

Ata de Defesa de Monografia

Aos quatro dias do mês de Março de dois mil e quinze (2015), reuniram-se no campus da Fundação Universidade Federal de Rondônia em Ji-Paraná, os professores avaliadores, João Carlos Gomes, Reginaldo de Oliveira Nunes e o orientador Genivaldo Frois Scaramuzza para proceder a avaliação da monografia intitulada **"BEKÁH: O LUGAR DA EDUCAÇÃO TRADICIONAL GAVIÃO"** apresentado pelo acadêmico Zacarias Kapiaar Gavião. Os trabalhos foram iniciados as 14:20h sendo o acadêmico arguido pela banca examinadora por um período de 35 minutos. Após, o trabalho foi considerado aprovado como nota 100. Nada mais havendo a tratar, deu-se por encerrado o ato da defesa.



Prof. Ms. Genivaldo Frois Scaramuzza – Orientador (UNIR)



Prof. Ms. Reginaldo de Oliveira Nunes – Avaliador (UNIR)



Prof. Dr. João Carlos Gomes – Avaliador (UNIR)

LISTA DE IMAGENS

- Fig. 01 Cacique Sebirop Gavião falando sobre o trabalho no Bekàh.....p.24
- Fig. 02 Flechas Ikólóéhj utilizadas na festa de matança de porco.....p.25
- Fig. 03 Encontro jogos dos povos indígenas em Cuiabá.....p.27
- Fig. 04 Cacique Sebirop falando a cultura do povo Gavião.....p.28
- Fig. 05 Xápi Gavião com Djóli visível em sua face, bem como Betíg entre os lábios e o queixo.....p.29

LISTA DE SIGLAS

AÇAI – Magistério Indígena de Rondônia

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IAMÁ – Instituto de Antropologia e Meio Ambiente

SEDUC – Secretaria Estadual de Educação

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer ao Cacique geral do povo Ikólóéhj: Catarino Sebirop da Silva Gavião.

Agradecer ao Professor orientador da monografia, Genivaldo Frois Scaramuzza,

Ao Prof. Dr. João Carlo Gomes,

A Prof^a. Ms. Edinea aparecida Isidoro,

A Prof^a Dra. Maria Lucia Cereda,

O Prof. Ms. Cristovão Teixeira Abrantes,

O Prof. Ms. Jose Joaci Barboza,

A Prof^aDra. Josélia Gomes Neves,

A Prof^a. Ms. Luciana castro,

O Prof. Ms. Reginaldo Nunes,

A Prof^a. Ms. Vanubia Sampaio

Prof^a. Ms. Maria Isabel Alonso Alves

A Prof^a. Adriana que foi coordenadora do setor de Educação Escolar indígena em Ji-Paraná

O Professor indígena e também aluno do intercultural Gamalono Surui,

O Professor indígena Roberto Sorabáh Gavião

A Aldeia Ikólóéhj na pessoa do Jederson Gonbeabá Gavião

A Prof^a. Ms. Lediane Fani Felzke

Em especial, ao saudoso grande Líder Ikólóéhj, Moises Serihr Gavião

Ao curso de Licenciatura em educação básica intercultural da Universidade Federal de Rondônia, campus de Ji-Paraná RO.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 – ABORDAGENS PRELIMINARES DA PESQUISA.....	10
<i>1.1 Minha História de vida e aproximação com o objeto de estudo.....</i>	<i>10</i>
<i>1.2 Metodologia</i>	<i>21</i>
<i>1.3 A memória em debate.....</i>	<i>22</i>
CAPÍTULO 2 – AS ENTREVISTAS COM OS MAIS VELHOS.....	23
<i>2.1 As entrevistas na pesquisa.....</i>	<i>23</i>
<i>2.2 Entrevista com o cacique Catarino sobre o Bekáh.....</i>	<i>23</i>
<i>2.3 Entrevista com Moises Gavião</i>	<i>30</i>
<i>2.4 Bekáh: lugar e saberes em circulação.....</i>	<i>32</i>
Palavras Finais.....	37
Referências	39

APRESENTAÇÃO

Este trabalho tem como objetivo registrar e apresentar a educação do povo Gavião e ainda, como a comunidade Gavião tem uma forma específica de ensinar e repassar os conhecimentos para os jovens. Educação que tem um lugar reservado para o ensino, cujo nome é Bekáh.

Os mais velhos de cada família tem um papel importante para este trabalho tradicional, ou seja, preparar seus jovens guerreiros para a vida adulta haja vista que eles irão precisar no futuro, onde todos compartilham seus conhecimentos, como fazer flecha, caçar, pescar, fazer roça e acima de tudo o respeito um para com outro. As mulheres têm uma importante tarefa de ensinar as meninas em casa sobre os trabalhos domésticos, enquanto os pais ensinam os meninos no Bekáh. Desde cedo as crianças começam a aprender as atividades do cotidiano da comunidade, elas acompanham e observam os afazeres diários da aldeia.

Este trabalho, entre outras discussões, aborda de forma breve a importância e a necessidade de inserir este conhecimento milenar Gavião no currículo da escola, no contexto educacional e na valorização do sabedor indígena da etnia. Também traz como registro a memória, a história do passado para o presente como um dos elementos de afirmação da identidade étnica do povo Ikólóéh (Gavião). É retratada também, minha trajetória de vida.

É também de extrema importância que os jovens do povo Gavião tenham acesso aos conhecimentos do mundo globalizado que lhes permitam utilizar as tecnologias da informação e comunicação e ressignificar sua identidade étnica. O Bekáh não nega o direito da comunidade em conhecer outra cultura. A meta do Bekáh é mostrar que cada cultura possui seus conhecimentos, saberes e seu valor. Ao longo do processo de colonização, o povo Gavião foi vítima de preconceitos por possuírem uma cultura diferente, as vestimentas, as formas de trabalho, preparação de alimentos, muitos ainda foram proibidos em falarem a língua materna. Apesar de todas as opressões, a língua e a cultura resistiram junto aos falantes do povo Gavião, assim, a cultura do “homem branco” interferiu de algum modo na cultura do povo Gavião. Por esse motivo é muito importante a revitalização do Bekáh.

CAPÍTULO 1 – ABORDAGENS PRELIMINARES DA PESQUISA

1.1 Minha História de vida e aproximação com o objeto de estudo

O estudo sobre o Bekáh tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a educação tradicional do Povo Gavião. Também tem como finalidade registrar a memória e o saber tradicional deste povo. Ainda pode ser dito que esta memória está guardada com os mais velhos que sabem dos ensinamentos tradicionais. Assim, é possível afirmar que todos os conhecimentos eram socializados no passado, de geração a geração até que o modelo de ensino do não índio chegou às aldeias. Acreditamos que a educação tradicional deve fazer parte do currículo da escola indígena, como exercício de valorização e identidade cultural do povo indígena. Além de se constituir como mecanismo que pode efetivamente assegurar uma educação intercultural, específica e diferenciada. Com este estudo sobre Bekáh temos a certeza de que estamos indo ao encontro da riqueza histórica e milenar, a sabedoria de um povo que luta pela sobrevivência da sua cultura.

Penso que seja importante fazer uma breve reflexão sobre a minha história, já que este exercício tem o poder de mostrar o quando esta pesquisa é importante para mim e para o meu povo. Nasci em porto velho no dia 15 de dezembro 1972. Vim para aldeia Igarapé Lourdes com dois anos de idade. Minha mãe já falava o português e aprendi a falar as duas línguas ao mesmo

tempo, o português e a língua Gavião. Nessa época, o povo Gavião não tinha muito contado com os “brancos”, o cacique Sebirop liderava o povo praticamente sozinho, ele era piloto de barco. Naquele período, a comunidade comercializava borracha e castanha. Sebirop transportava os produtos até a cidade de Ji-Paraná para vender. Tenho recordações da época da minha infância, eu aprendi muito com meu pai, caçar, pescar, fazer tocaia para matar nambu, e fazer algum tipo de artesanato como, por exemplo, a flecha.

Eu participava das atividades tradicionais junto com a comunidade, uma dessas atividades era a festa, a matança do porco, onde todas as comunidades participavam nessa ocasião. Os preparativos eram feitos no Bekáh. Os jovens acompanhavam seus pais para aprender. Assim eu aprendi a respeitar as regras da aldeia, uma delas é a orientação do pajé (mandamento da aldeia). Nesta época já tinha vários “homens brancos”, tais como os funcionários da FUNAI e os missionários da Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB). Foi com os missionários que conheci as primeiras letras do alfabeto. Eles nos alfabetizavam na língua materna. Foi o missionário Orestes que definiu, juntamente com as lideranças, a ortografia do povo Gavião. Depois de algum tempo a FUNAI mandou uma professora para aldeia Igarapé Lourdes, onde conheci definitivamente o mundo da escrita. Ali fui alfabetizado no modo do não índio, foi muito difícil o início na sala de aula. A professora não nos entendia e nós, por sua vez, não entendíamos o que ela falava. Apenas eu compreendia o que ela falava porque a minha mãe falava o português, assim eu podia ajudar meus coleguinhas da sala. Foi uma longa história até chegar à universidade.

O povo Gavião vive na Terra Indígena Igarapé Lourdes, localizada entre a margem direita do rio Machado e a divisa com Mato Grosso, no município de Ji-Paraná. Ocupa uma área de 185.533 hectares e foi homologada pelo decreto nº 88.609, de 09/08/1983 (Serviço de Patrimônio da União). Nesta área vive também o povo Arara. O povo Gavião tem uma população de aproximadamente 700 pessoas, ainda com a cultura viva. A língua materna é falada por toda a comunidade. Com relação à organização social, o povo Gavião está distribuído por várias aldeias, cada aldeia tem um líder, também tendo como referência uma aldeia maior onde fica o cacique geral que representa todas as outras aldeias no cenário político regional e nacional.

Foi neste lugar que eu compreendi e comecei a ver o mundo no conceito da educação escolar. Foi minha mãe que me trouxe para essa aldeia, no entanto, a minha mãe não é Gavião, então ela nos trouxe para residir na aldeia Igarapé Lourdes, com o povo Gavião.

Eu sou naturalizado Gavião, eu sou Gavião de coração, Então a minha história começou entre os Gavião na aldeia Igarapé Lourdes. A minha mãe é da etnia Parintintin. Eu não conheci meu pai. Meu pai faleceu quando eu ainda era bebezinho.

Eu tenho respeito pelos meus pais, eu sempre procurei ser uma pessoa que não decepcionasse a família, assim, quando eu cresci comecei a entender o mundo na aldeia. Na época, o povo Gavião tinha contato recente, não tinha muito contato com os “brancos” e a FUNAI era a responsável pelo grupo, pela manutenção, pela assistência daquela comunidade. Eu lembro que assim que a FUNAI construiu uma escola, naquele momento o que mais interessava, entre outras coisas, era a escola. Por que foi uma coisa nova, uma coisa que ninguém conhecia.

A FUNAI trouxe a primeira professora. Como já mencionei anteriormente, entre os colegas da aula eu já entendia português por causa da minha mãe. Nós dividíamos as duas línguas, língua Gavião, a qual eu aprendi como a língua materna, ou seja, a minha língua de origem e, a portuguesa. Só que o português da minha mãe era diferente do português que a professora comunicava conosco, mesmo assim facilitava para o meu aprendizado. A professora ficava perdida, nenhum de nós como alunos, entendia plenamente o que a professora falava e, neste contexto, nem mesmo a professora entendia totalmente o que nós falávamos. Quer dizer, houve um problema, produziu uma dificuldade no trabalho da professora.

Na medida do possível, eu era mais desenvolvido por causa da minha mãe. Eu aprendi mais rápido no modo tradicional do ensino da escola e, por isso, eu me destaquei na sala de aula. Depois eu lembro que a professora me separou da turma porque eu era meio danado na classe. Sei que eu ficava tentando ajudar os outros que não compreendiam. E a professora me tirou de onde eu estava, ou seja, do meio do grupo, e colocou-me separado. Ela falou:

“você não vai sair daqui. Você vai ficar sentado aqui”. E eu perguntei: “por quê?” E ela falou: “porque você está adiantado e você está passando seu conhecimento para os outros, deixa que eles aprendam por si só”. Eu tinha curiosidade em aprender, aliás, eu tinha vontade de ensinar aquilo que estava entendendo. E a professora me separou. Eu fiquei um pouco triste por sentir que estava sendo excluído da turma. Mas ela falou para mim que não era exclusão ou discriminação, e sim porque eu estava avançado, eu já entendia mais.

É interessante mencionar que esta situação ocorreu não porque eu sabia mais do que eles, não é porque eu era mais inteligente, e sim por causa do português, essa língua chegou de uma hora para outra. A minha facilidade com a língua portuguesa diz respeito a minha mãe, não era porque eu era mais sabido da turma. É interessante mencionar que eu gostava de observar, eu não sei se é por causa da origem da minha etnia, só sei que eu era muito curioso, envolvendo-me em todas as atividades tradicionais do povo Gavião.

Eu gostava de participar dos momentos que os pajés promoviam uma festa, um ritual que envolvia toda comunidade, eu ficava ali. Embora o pajé desse a ordem, ele falava, “olha o limite de você aproximar, é só aqui” e tudo mais. Tinha toda uma regra para participar do ritual, então eu participava muito das atividades dos pajés, na hora que eles iam curar, na hora que eles iam fazer ritual de cura.

Na época a comunidade trabalhava muito unida, eram unidos na questão da roça, dos preparativos tradicionais e na pesca quando iam bater timbó. Eu digo que eles eram, no passado, porque teve uma mudança depois, uma mudança bem significativa. Isso fez com que eu pensasse nessa pesquisa, tendo em vista que, naquela época, os ensinamentos eram no Bekáh. Ali eu sabia que tinha um espaço onde toda a comunidade tinha atividades, faziam preparativo dos artesanatos, das flechas, enfim, havia muitas coisas que eram feitas naquele lugar. Era um espaço dentro da mata. Naquele momento, eu não sabia que ali era o Bekáh, eu não tinha esse entendimento.

Eu sempre acompanhava e quando a comunidade tinha uma festa, por exemplo, tinha um lugar reservado no Bekáh para fazer todos os preparativos para poder ir para festa, tanto na própria comunidade ou quando era convidada por outras comunidades. Então, foi aí que eu percebi que existia um espaço de ensinar. Na minha idéia, da forma como eu percebia, a comunidade não tinha uma escola que vinha em forma de uma casa com quatro paredes. Eu percebi que a escola do branco não era o espaço central de ensino da comunidade. Eu participava das duas, tanto da escola que a FUNAI montou, quanto do Bekáh.

Eu sou muito apaixonado pela questão da nossa cultura, eu gosto muito. Em determinado momento, eu recorro com muita saudade a perda de muitas coisas que hoje não se realizam, as atividades tradicionais, por exemplo. Interessante que nesse mesmo período, já havia missionários das Novas Tribos. Também na mesma época eles construíram o espaço para trabalhar com a língua materna, ou seja, na ortografia do povo Gavião. E para definir a ortografia, eu lembro que o seu Horst Stute (Orestes), o missionário na época, trabalhava com os adultos. Os adultos ensinavam, falavam e iam copiando.

O missionário ia descobrindo a língua do povo Gavião, a escrita. Ali começou também a escrita, foi onde eu passei a compreender que existia o mundo da escrita. Eu tinha mais ou menos oito ou nove anos. O missionário ensinava e eu participava das duas aprendizagens, da língua materna e do português. Em várias ocasiões, vários momentos eu participava do Bekáh também.

Eu lembro que existiam várias aldeias: aldeia do Chambeti, aldeia da Cachoeira e a aldeia Central que era a Igarapé Lourdes. Então eles andavam de uma aldeia para outra e dentro do caminho, indo para outra aldeia tinha um limpão, um lugar limpo. Eles limpavam ali. Tinha uma árvore caída ali, e naquele espaço ficavam restos de penas, restos de madeiras. Eu via resto de madeira que eles deixavam lá quando ia preparar as flechas, um lugar bem legal no caminho indo para outra aldeia.

A mudança foi acontecendo rapidamente, a chegada do “homem branco” e sua cultura, a influência de outra cultura sobre o povo Gavião foi rápida, não houve nem tempo para pensar. A interferência do mundo do branco foi muito

rápida e o povo Gavião começou a se dividir em atividades. Uma delas foi a comercialização de borracha. Os índios comercializavam borracha, então cada família procurou sua colocação para trabalhar. Todas as famílias saíram para fazer sua própria colocação, suas pequenas aldeias, onde havia seringueiras para extrair a borracha.

Muitas famílias saíam para suas colocações e deixavam seus filhos para estudar sob o cuidado de outra família. Eu fiquei com a minha tia, a irmã do meu pai. Todos iam cortar seringa para vender, comercializar. Na época o Catarino era o cacique e também o motorista do barco, ele que transportava, vendia e trazia as mercadorias dos “brancos” para a comunidade.

Interessante que logo no início eu ainda não ia cortar seringa. Eu ficava estudando. De oito irmãos, somente eu ficava na aldeia. Até que eu fui para a Serra da Providência, no local que meu pai tinha sua colocação, onde ele trabalhava e já comercializava a sua seringa com um vizinho seringalista não indígena. Este seringueiro comprava o produto porque a colocação do meu pai era muito longe para trazer a borracha para o Igarapé Lourdes. Era tão difícil que em alguns momentos ele preferia levar para o seringueiro vizinho já que o seringal dele fazia divisa com a Terra Indígena Igarapé Lourdes. Então meu pai pegava a borracha, pegava nas costas e levava para comercializar.

Quando eu cheguei lá, ninguém da minha família tinha os conhecimentos necessários para negociar. Não sei quem saia perdendo. O próprio seringueiro era analfabeto, não sabia ler nada. Muito menos meus familiares, eles ficavam perdidos. Quando eu cheguei, eu fui muito útil para isso. Eu saí lá da escola, do Igarapé Lourdes, eu fui para colocação do meu pai. Quando eu cheguei, no momento que eu cheguei, precisavam fazer uma lista de compra. Ninguém tinha a mínima idéia de quantos quilos a borracha pesava, eu mesmo não tinha essa idéia. O que eu fazia? Eu fazia uma lista do que os meus pais precisavam. O próprio seringueiro pedia minha ajuda.

Eu comecei a ajudar o pessoal na compra e venda. Eu calculava mais ou menos o valor da borracha, eu comecei a compreender. Começou nascer dentro de mim essa vontade mesmo de ajudar. Aquilo que eu estava aprendendo, escrever, ler e a matemática básica, serviram para que eu

ajudasse os meus parentes na comercialização da borracha com os seringueiros. Quando vinham as mercadorias, eu falava: essa numeração é sua, esse sapato é seu, e começava a dividir estes artefatos. Foi neste momento que eu comecei a querer mergulhar nesse mundo da educação, de aprender para ensinar. E o tempo foi passando nessa peleja. Os indígenas comercializando. Foi assim que começamos a entrar nesse mundo capitalista, ou seja, o mundo do dinheiro, o mundo de “só vou te dar se você também me der alguma coisa”.

Se o índio matava um porco, uma anta ou um catete, toda a comunidade se beneficiava daquela refeição. Assim sucessivamente cada um que trazia, era alegria, era festa. Com a chegada da comercialização da borracha, começou-se a pensar “bom, vou tem que dar para receber”. Aí começou esse mundo de comercializar. Todos nós Gavião morávamos no Igarapé Lourdes. O que aconteceu? Na época, descobriram que a terra estava sendo invadida. O sul da Terra Indígena, próximo de Ji-paraná, próximo de Nova Colina, estava sendo invadido. Quando descobriram os invasores, o cacique Catarino liderou o grupo de guerreiros na operação de despejo dos colonos.

Quando descobriram já tinha aproximadamente 700 pessoas abrindo lotes dentro da Terra Indígena. Cada um com seu lote formado, com seu gadinho, já tinham até café formado. Então essas famílias já tinham sido assentadas. Naquele momento, a FUNAI junto com a Polícia Federal e as lideranças, conseguiram tirar os colonos e colocá-los em outro lugar. Foi nessa época que surgiu a aldeia Ikólóéhj.

Porque a idéia foi dividir a comunidade, distribuindo o povo pela terra no sentido de ocuparem o espaço para que os invasores brancos não voltassem. Por isso grande parte da comunidade Gavião veio da aldeia Igarapé Lourdes e se instalou na atual aldeia Ikólóéhj, outra parte ficou no Igarapé Lourdes. Assim é que surgiu a aldeia Ikólóéhj. Por causa da invasão que teve. Já tinha estrada que cortava a aldeia. Assim começou facilitar também o acesso do povo Gavião para a cidade.

É preciso considerar que a aldeia ficava perto da cidade e o movimento já era constante através da estrada. Ali começou também outra aldeia,

começou também outra escola. Escola começou ali. Nesta época a antropóloga Betty Mindlin tinha contato com povo Gavião, ou seja, ela já tinha contato com as etnias Tupi Mondé. Neste período só tinha professor não indígena. A antropóloga, através o projeto do IAMÁ, conseguiu o primeiro curso de formação para os professores indígenas. Até este momento não tinha professor indígena lecionando. Foi neste período que começou a história muito longa para a formação dos professores. E assim foi o primeiro passo para idéia dopróprio índio ser professor, isto começou com projeto IAMÁ. Este foi o primeiro curso que eu participei.

Foi no IAMÁ o primeiro curso para professor. No retorno deste curso, que foi na cidade de Cacoal, soubemos de propostas da prefeitura de Ji-Paraná para contratar professores. Neste momento eu fui contratado para lecionar pela prefeitura. Eu era solteiro na época. Eu era solteiro quando comecei fazer o curso e logo em seguida eu casei. Nesta época tinha uma aldeia chamada Boa Esperança, muito distante da aldeia Ikólóéhj. O pessoal que estava na frente da educação, da organização da educação me enviou para esta aldeia a pé, bastante longe. Quase um dia de viagem, para chegar lá a pé. Eu comecei lecionar numa casinha de palha. Eu não ensinava, eu não lecionava de acordo o que eu aprendia no IAMÁ ainda. Eu não tinha pegado ainda o jeito de ser professor. Para mim era uma coisa bem inovadora, assim eu ensinava o que eu aprendi no Igarapé Lourdes. Da forma tradicional que eu fui ensinado, eu ensinava.

Fiquei lecionando por pouco tempo. Não completei nem um ano lecionando, pois fui transferido para dar aula no Ikólóéhj. Muito pouco experiente, eu tinha pouca experiência. A maioria dos professores não teve oportunidade de ter um aperfeiçoamento para ser professor. O Curso do IAMÁ era um urso básico de formação. E a gente precisava muito de informação. Nesta época, o movimento os povos indígenas do estado de Rondônia estava no auge. Digamos no auge da força dos povos indígenas. Eu lembro que nessa época os povos indígenas do estado de Rondônia se mobilizavam, eram bastante unidos. As lideranças eram bastante unidas também.

Nessa época já se discutia um projeto de formação para os professores. Ainda mais com a aprovação dos direitos dos povos indígenas com a Constituição Federal de 1988. Embora saindo do forno digamos assim, a lei de 1988 dava aos povos indígenas o direito a uma educação diferenciada, específica. Então eles aproveitaram e se mobilizaram. Em cada estado brasileiro tinha um movimento indígena buscando, reivindicando uma educação para o seu povo. Em Rondônia não foi diferente. Em Rondônia o movimento se articulava e pressionaram o governo para que se criasse o projeto de formação para os professores para formar profissionais indígenas.

Eu integrei a primeira turma do Projeto Açaí que dava o direito do professor se formar em magistério em nível médio. Eu concluí meu ensino médio neste projeto, não dentro da escola regular. Eu adquiri minha experiência durante o Projeto Açaí. Interessante que nessa época nós não tínhamos a dimensão do valor da cultura de cada povo. Não tínhamos a idéia de valorizar nossa própria identidade.

A imposição da outra cultura foi tão forte que nós acabamos sendo neutralizados, é como se você estivesse vivo, mas na verdade está morto. Assim aconteceu. O Projeto Açaí resgatou esse espírito dos professores, resgatou o espírito de guerreiro de alguns professores indígenas, ou seja, trazendo a compreensão dos valores da sua própria identidade. Muitas de nossas etnias, alguns de nossos parentes, eles tinham vergonha de falar na sua língua. Eles tinham vergonha de falar na sua língua perante a sociedade não indígena. Nós éramos discriminados por falar nossa língua, por comer a nossa comida. Se você chegar a casa do índio tradicional se ele estiver na sua refeição, no seu momento de refeição, ele pega e guarda, ele não quer que você veja a comida dele. Por muito tempo nós fomos massacrados por causa do nosso modo de vida. As coisas que nós tínhamos não eram valorizadas pelo branco, como o alimento, como a linguagem. A gente tinha vergonha por ter uma sociedade massacrada.

O Projeto Açaí trouxe essa idéia, que nós como professores indígenas deveríamos assumir a responsabilidade de discutir a educação indígena. Nós temos lei que diz que temos direitos, portanto, nós defendemos nosso direito.

Aquilo que nos achamos que é de valor para nossa comunidade é isso que vamos defender. Todas as etnias que nos não conhecíamos, foi possível conhece-las durante a formação e trocamos experiência. Ali começou nascer uma idéia voltada para a educação escolar indígena.

Quando o governo disponibilizou recurso para que a formação dos professores indígenas, não foi um presente, um projeto que o governo achava que era interessante para os povos indígenas. Foi uma luta, não tanto dos professores indígenas, mas sim das lideranças tradicionais. Hoje nós estamos colhendo o fruto da luta deles.

E hoje nós queremos contribuir na nossa formação trazendo esses conhecimentos, colocando como prioridade a educação para os povos indígenas nas comunidades. Essa é a idéia do Projeto Açaí e a nossa idéia. Foram cerca de 150 professores que conseguiram concluir o Projeto Açaí. Este projeto foi o início da luta para a formação dos professores indígenas na sua área específica. Foi no contexto do Projeto Açaí que se iniciou a discussão da universidade para os povos indígenas do estado de Rondônia. Também se pensou na educação superior intercultural. Mas para isso foi preciso outra luta, mais uma batalha, ou seja, mais uma luta com conquistas. Eu estou inserido nesse contexto intercultural e não pretendo parar. Eu pretendo continuar e fazer meu doutorado para mostrar que nós também como povos indígenas, como um grupo tradicional, também temos condições, capacidade de chegar, a realizar um sonho de ser visto pela sociedade, como também um ser capaz de alcançar seu objetivo no conhecimento desse mundo globalizado.

Fiquei muito feliz quando soube da notícia do vestibular para que nós do Projeto Açaí pudéssemos ingressar na universidade. A primeira sensação, a primeira grande emoção foi quando eu entre na universidade. Lembro que estava no laboratório de informática da aldeia esperando o resultado do vestibular pela internet. Atéaquele momento eu estava meio desacreditado ainda. Poxa, será que eu vou pra universidade? Quando a gente ouvia falar em universidade parece que a oportunidade só era para “homem branco”. A gente tinha essa sensação, por que a gente ouvia muito isso. Aí a minha sensação maior foi quando eu estava na frente do computador. Eu cliquei no site da

UNIR e vi que eu estava entre os 30 classificados. Eu quase chorei de emoção lá dentro da sala da escola na minha aldeia. Pensei, “vou fazer minha faculdade agora”. Já imaginava tudo, já construía uma idéia.

Antes de chegar à universidade eu já tinha sonhado. Eu estava sonhando. Quando cheguei a UNIR, eu acordei. Não é mais um sonho é uma realidade. Foi uma coisa extraordinária para nós. Até porque foi uma coisa que aconteceu mais rápido que a gente pensava. Embora demorasse cinco anos de trabalho, a discussão já havia começado no Projeto Açaí, eu pensei que iria demorar mais. Pelo que estava acontecendo com o governo, os entraves, a burocracia, em relação às reivindicações dos povos indígenas, em relação à educação, à saúde e tudo mais que a gente precisava, as coisas demoravam a acontecer. A universidade para os indígenas aconteceu mais rápido do que eu pensava.

Teve um colega que disse: “eu quero entrar na universidade enquanto eu estiver enxergando, eu estou ficando velho já”. Quero dizer, eu ainda estou enxergando, não estou precisando usar os óculos ainda. E assim aconteceu.

O meu foco é dedicar a minha vida para educação. Porque eu acredito que a educação não é só escrever, ler e passar simplesmente o que você aprendeu. A educação vai além disso. A educação é tudo. A educação é você dormir e acordar com bem estar da sua comunidade, você vendo a sua comunidade viver sem que outro queira que você viva de acordo com que outro acha que você tem que viver. A educação é você lutar para que seu povo viva de acordo com que ele acha melhor pra sua sobrevivência. O que eu quero dizer com isso? Sem imposição, interferência radical de outra cultura.

Foi com essa idéia de educação, com esse novo modelo de educação, tanto do Projeto Açaí, quanto o que aprendi na faculdade, que eu ressuscitei um sonho, um projeto sobre o Bekáh. Porque a educação no modelo do branco estava chegando. Ela estava penetrando dentro da nossa comunidade. E o mais importante estava ficando para trás. Outro modelo, outra forma de lidar com a educação ela estava sendo engolido pela educação do branco. A educação para o povo Gavião ela não nasceu com a chegada do modelo tradicional da Europa, dos brancos, seja quem for. Esta chegou para tentar

terminar a educação tradicional dos Gavião, na qual eu acredito muito e que é importante manter. Pelo menos para se discutir nas nossas comunidades, por isso que a minha idéia é resgatar, trazer de volta o Bekáh.

Eu posso dizer que o Bekáh pode ter morrido na prática. Não está acontecendo mais. Mas ele está vivo na mente de cada pessoa do povo Gavião, dos mais velhos. Quando eu faço entrevista sobre o Bekáh, eu vejo brilho nos olhos do entrevistado. No momento que eu estou falando, ele está vivendo aquele momento de ensinar, ele se sente um ser valorizado para sua comunidade, uma pessoa que ensinou seus jovens guerreiros, uma pessoa que preparou jovens para ser guerreiro Gavião. Eu lembro com muita saudade a entrevista que eu estava fazendo com Moises, ele estava vivendo aquele momento.

1.2 Metodologia

O estudo sobre o Bekáh tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre a educação tradicional do Povo Gavião. Também tem como finalidade registrar a memória e o saber tradicional deste povo. É possível afirmar que todos os conhecimentos eram socializados no passado, de geração a geração até que, o modelo de ensino do não índio chegou às aldeias. Acreditamos que a educação tradicional deve fazer parte do currículo da escola indígena, como exercício de valorização e identidade cultural do povo indígena. Além de se constituir como mecanismo que pode efetivamente assegurar uma educação intercultural, específica e diferenciada. Com este presente estudo sobre Bekáh, tenho certeza de que estamos indo ao encontro da riqueza histórica e milenar, a sabedoria de um povo que luta pela sobrevivência da sua cultura como todos.

Para a concretização desta pesquisa, utilizei a pesquisa participativa. Inicialmente, para a realização deste trabalho fiz um longo período de pesquisa com os mais velhos da comunidade Gavião onde tive grande contribuição do cacique Sebirop Catarino Gavião e de uma grande liderança, Moisés Serihir Gaviã. Eles me concederam as informações necessárias que precisava para realização deste trabalho. Utilizei como ferramenta de trabalho, gravador, máquina fotográfica, computador, caderno e caneta. Também compartilhei um

pouco do meu conhecimento que adquiri durante o processo de minha aprendizagem com os mais velhos da aldeia. A minha primeira entrevista foi com o cacique Sebirop Gavião, onde ele me concedeu as informações através de uma filmagem sobre a educação tradicional do povo Gavião. A segunda entrevista com Sebirop foi gravada, onde ele fala sobre todos os processos de aprendizagem das crianças e do jovem masculino e feminino. Desta forma este estudo utilizou as memórias dos mais velhos, constituindo um registro destas narrativas.

1.3 A memória em debate

A abordagem sobre valorização da história e memória do passado é de suma importância para o povo Gavião na perspectiva de manter sempre viva a memória histórica dos ancestrais e as experiências culturais vivenciadas pelo povo. Compreendemos que o presente e o futuro são construídos com as memórias das experiências de um passado, assim quando uma pessoa da comunidade faz um discurso no contexto da política e da organização social, este discurso está sempre relacionado com uma memória discursiva de um sabedor que um dia viveu as experiências das quais está falando.

Como um exemplo de ensinamento na língua materna o sabedor indígena pronunciava “Èna pamatóe já kigarpoáá”. Assim o sabedor indígena ao ensinar, transmitia os conhecimentos de seus ancestrais.

Desta forma a memória dos ancestrais vem fortalecendo o espírito guerreiro dos Ikólóéhj para que continuem vivenciando a cultura.

Neste sentido, Ferreira (2002, p. 321) argumenta que:

A valorização de uma história das representações, do imaginário social e da compreensão dos usos políticos do passado pelo presente promoveu uma reavaliação entre história e memória e permitiu aos historiadores repensar as relações entre passado e presente e definir para a história do tempo presente o estudo dos usos do passado.

Bosi (2003, p. 5) ao abordar sobre os significados da rememoração, salienta que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado”. Isso me faz perceber que a história atual, não é exatamente a

reprodução do passado, mas a interpretação de fatos do passado com o conhecimento que temos de hoje.

CAPÍTULO 2 – AS ENTREVISTAS COM OS MAIS VELHOS

2.1 As entrevistas na pesquisa

Considerando os objetivos da pesquisa – compreender a partir das narrações de mais velhos os significados e como era o Bekáh, qual era sua configuração e como este espaço estava articulado com a sociedade Gavião, foi que procurei os mais velhos da comunidade, no sentido de entrevistá-los. Estas entrevistas iniciaram em janeiro de 2013, algumas contaram com a presença do orientador desta pesquisa e outras foram feitas a partir de minha iniciativa. No primeiro momento, procurei “mapear” quem seriam os possíveis colaboradores, ou seja, as pessoas que conheciam que, vivenciou o Bekáh, algumas dessas pessoas fazem parte das narrativas descritas abaixo.

2.2 - Entrevista com o cacique Catarino sobre o Bekáh

Bom dia, para quem não me conhece eu sou cacique Catarino, cacique geral do povo Gavião Ikólóéhjque fica no município de Ji-paraná, Rondônia. É muito importante a gente falar sobre educação dos povos indígena, mas não é só a educação, é muito importante falar sobre a cultura do povo, sobre como o

povo vivia antigamente antes do contato com o “homem branco”. Mas para mim, a minha cultura era muito diferente antes do contato com homem branco.

Por que eu estou dizendo isso? Porque depois do contato com o homem branco houve algumas mudanças em minha cultura, está um pouco diferente de antes do contato. Hoje os meus filhos não sabem pescar, eles não sabem caçar, eles não sabem fazer artesanato como eu fazia antes do contato com o homem branco.

Fig. 01. Cacique Sebirop Gavião falando sobre o trabalho no Bekáh.



Créditos: Zacarias Kapiaar Gavião. Aldeia Ikólóéhj. Novembro/2014.

Aqui esta a prova, a minha flecha é uma cultura do povo Ikólóéhj, essa aqui vocês estão vendo, se chama cabelo de porco, isso aqui não é qualquer um que faz. Isso aqui é um professor do povo Ikólóéhj que faz, mais uma coisa que eu vou dizer também, que muitas vezes, o homem branco pode dizer para nós, será que os povos indígenas tinham escola tradicional deles?

Claro que sim, nos tínhamos escola¹, por isso que eu estou dizendo que a minha cultura esta mudando. Então o professor me dava aula para fazer esse tipo de artesanato que se chama tecido do cabelo de porco. Como o homem branco fala, enfeite de flecha. Para mim não é somente um enfeite de flecha, mas é um modelo mais bonito que agente pode usar, agora se eu não tivesse escola eu não teria este conhecimento hoje.

O índio é sabido pela natureza, o índio já era sabido, o índio tinha escola para aprender a fazer flecha, arco, nepo sêhv (bracelete de pena), mas se eu não tivesse escola eu não iria saber fazer isso. Através do professor eu aprendi a fazer todos os meus artesanatos que eu queria fazer, as flechas, o arco.

E muitas vezes o homem branco acha tão bonito, ele acha que o serviço não foi trabalhado, mais isso aqui dá muito trabalho para fazer, e vou dizer para você, uma flecha dessa aqui vale mais de que 100 reais.

Uma flecha dessa aqui mata anta, mata porco, então cada flecha dessa traz 50 quilos de carne para minha casa, para alimentar os meus filhos, para criar meus filhos, assim que eu vivia antes do contato com homem branco.

Fig. 02. Flechas Ikólóéhj utilizadas na festa da matança de porco.



Créditos: Lediane Fani Felzke. Aleia Ikólóéhj. Abril/2007.

¹ É importante mencionar que quando o Cacique Sebirop Gavião está falando sobre a escola, ele está se referindo ao Bekáh, espaço tradicionalmente utilizado para ensinar e aprender.

Aqui tem outra flecha para matar peixe, uma dessa aqui pode trazer até 20 quilos, 30 quilos de peixes para minha casa, para alimentar os meus filhos, não é só os filhos, os vizinhos são convidados por mim, eu chamo meu vizinho para almoçar em casa, assim é a vida do povo Gavião, ele não come sozinho. Amanhã ou depois outro indígena pode matar outro bicho e pode me convidar para a casa dele, isso é uma vivência muito boa, isso que é respeito, isso que é uma sabedoria que os povos indígenas têm, eles não comem sozinho igual ao homem branco que come sozinho na casa dele, na residência dele e com a família dele, isso nós não fazemos.

Esse povo possui uma educação diferente da educação do homem branco. Eu estou falando da minha cultura, como é a cultura do povo Ikólóéhj. Então, nós povos indígenas temos muito a contribuir com o homem branco, principalmente o respeito pela natureza e pelo ser humano que vive no mundo, isso é muito importante, principalmente os alunos que estudam e querem saber mais a vida do índio. Então quem quiser aprender a vida do índio é importante ter um contato mais próximo para vocês aprenderem igual aos povos indígenas, como respeitar a natureza, como respeitar o meio ambiente. Isso é muito importante.

Não estou dizendo que a cultura do branco é ruim e que ele deve abandoná-la, eu gostaria que o branco respeitasse a natureza. A diferença para nós povos indígenas sobre a natureza é que a utilizamos para sobrevivência, tendo em vista que não tem supermercado, não tem açougue na aldeia. É por essa razão que tenho que sair da minha casa para ir ao mato caçar, assim eu estou mantendo a minha família, estou mantendo a minha casa para não faltar a alimentação.

Para os jovens Ikólóéhj gostaria de dizer que eles devem praticar essa cultura de sobrevivência, aprender a caçar, pescar, acompanhar os mais velhos nas atividades que eles desenvolvem e que fazem parte do processo de aprendizado dos jovens.

Eu gostaria que os jovens indígenas cuidassem da cultura e preservassem o idioma, para que as novas gerações possam continuar nossa cultura. A nossa língua não pode morrer, tem que ficar para sempre na voz do Ikólóéhj, do povo

Tupi Mondé, assim como cada povo deve falar sua língua e valorizar sua cultura.

Eu estou registrando isso para que vocês possam lembrar e utilizar na escola como material para ensinar. Esse material servirá para vocês lembrarem como o povo Gavião vivia, hoje nossa pajelança esta acabando, hoje os pajés não estão exercendo suas funções. Os caciques tradicionais ainda exercem suas funções, afirmando suas identidades como Gavião.

Fig. 03. Encontro jogos dos povos indígenas em Cuiabá.



Crédito: Zacarias Kapiaar Gavião. Cacique Sebirop no centro, rodeado pelos jovens Gavião. Cuiabá. Novembro/2013.

Falando em educação, hoje nossos filhos estão estudando no colégio do homem branco, é no papel, escrevendo no papel, mas eles não estão lembrando de fazer suas flechas, seus arcos, seus cocares, eles não estão lembrando de nada. Escrevendo no papel, jogando futebol, assistindo televisão, só isso não dá futuro para os índios, eles têm que preservar a escola do povo Gavião, onde você aprende a fazer artesanato, cocar e rede. A índia faz colar e cordão feito de coco que se chama tucumã, isso que é escola, escola que ensina as jovens indígenas a aprenderem confeccionar os artesanatos, sem essa escola elas não teriam esse conhecimento.

Nós tínhamos uma escola tradicional voltada para as atividades culturais, com o poder de ensinar e aprender. Nesta escola meu pai deu aula

para mim, me ensinou desde pequenininho, caçar e pescar, ou seja, me ensinou o processo de caça e pesca para buscar o sustento da família. Fazia tocaia para poder capturar pássaros, todos que vinham eu matava, para que eu matava? Para eu comer, então isso está faltando para vocês. A escola do índio não fica no pátio da aldeia, fica no mato mais ou menos quinhentos metros depois da aldeia, os mais velhos da etnia tem a função de ensinar neste lugar, ensinam seus filhos para aprenderem respeitar e falar com os outros. Neste lugar ensinam como convidar pessoas para festas, ensinam a fazer artesanatos e outras atividades.

Antes o ensino tradicional era através da oralidade, hoje o ensino é feito através da escrita, pois isso facilita aos alunos se comunicarem através do português com a sociedade envolvente. Assim o estudo é importante para adquirir os conhecimentos dos seus direitos e poder defender sua terra, impedindo que as riquezas naturais sejam exploradas por não indígenas. Sem esse conhecimento não é possível interagir e defender a sua identidade cultural. Não entregue sua riqueza para o homem branco. Coloque seu filho na escola do conhecimento do povo.

Fig. 04. Cacique Sebirop falando da cultura do povo Gavião.



Crédito: Zacarias Kapiaar Gavião. Aldeia Ikólóéhj. Novembro/2014.

O nome da escola para nós se chama Bekáh. Bekáh quer dizer: onde o povo trabalha seu artesanato, sua flecha, seu arco e seu cocar. Bekáh também quer dizer ensino no caminho.

Por exemplo, se eu quiser construir uma escola para mim, eu contruiria um Bekáh, assim, o povo diria: “Bekáh do Sebirop”, para maior compreensão no Tupi Mondé, diria-se: Sébiróp Pékah.

Geralmente os mais velhos da comunidade escolhia um local para se construir o Bekáh, onde outras pessoas interessadas iam a este local para observar as atividades e aprender a faze-las com os mais experientes chamados sabedores indígenas. Entres algumas atividades que são desenvolvidas no Bekáh, se destacam aquelas destinadas a fazer pintura corporal, furar os beijos e o nariz. É importante dizer que uma das marcas mais tradicionais do povo Gavião feita neste lugar é o Djóli. Esta é uma pintura feita no rosto que não se apaga e que caracteriza a identidade étnica do povo Ikólóéhj.

Fig. 05. Xápí Gavião com Djóli visível em sua face, bem como Betíg entre os lábios e o queixo.



Crédito: Zacarias Kapiaar Gavião. Aldeia Ikólóéhj. Dezembro/2014.

Alguém pode perguntar: será que o Sebirop tinha escola? Claro que sim, existia a escola Bekáh, um lugar afastado da aldeia, onde permitia uma maior concentração na produção dos artefatos. Em casa havia barulhos, crianças correndo no pátio da aldeia, nas dependências da maloca e isso tirava a

concentração, principalmente nos momentos de ensino e aprendizado dos alunos.

2.3 - Entrevista de Moisés Serihr Gavião

O Bekáh era o espaço reservado para o povo Gavião, é um espaço muito importante para o ensino e aprendizado dos jovens. Ali no Bekáh ensinava tudo para os seus jovens.

Quem freqüentava mais esse espaço do Bekáh para aprender, eram os meninos, os homens. Estes eram os que mais precisavam daquele momento para aprender. O Bekáh é onde se ensinava a fazer flecha que era a principal atividade do povo Gavião, ou seja, confeccionar flechas e arco. O arco e a flecha também são usados na ocasião de festas. Nestas festas tinha que ter a flecha para matar o porco e também servia para a busca do alimento na floresta.

A flecha era uma atividade principal, ali também se ensinavam várias outras coisas para os jovens. Como caçar, como respeitar, como viver a organização social daquele povo, tudo se aprendia ali.

As mulheres tinham um papel de ensinar as suas meninas em casa onde ensinavam a tecer o algodão para fazer linhas que serviam para a produção de vários tipos de artesanatos, como as flechas, redes, balaios e peneiras.

Porque sem os trabalhos das mulheres, não se realizava o trabalho dos homens. Então as mulheres tinham um papel muito importante de ensinar as filhas a produzir os artesanatos para que os homens pudessem realizar também as suas atividades. Então esse espaço ficava um pouco restrito para as mulheres. Mulheres não eram necessárias a frequentar o espaço do Bekáh, porém no momento de educar oralmente as mulheres costumavam frequentar mais. Quando eram atividades mais na prática as mulheres ficavam mais em casa para aprender com as mães.

A gente hoje vê na comunidade Gavião que sempre tem um líder, uma pessoa de referência na comunidade. Então essa pessoa de referência, digamos assim, um líder, escolhia o lugar, limpava o espaço, e ali eles iam fazer suas atividades. Todos da comunidade iam para o local, acompanhavam o líder para poderem realizar uma atividade ou trabalhar na confecção de artesanatos, até mesmo ensinar seus jovens a viver na cultura povo Gavião.

Todo menino, de qualquer idade, freqüentava o Bekàh, desde que ele andasse e acompanhasse os pais, conseguisse pegar o arco e atirar com a flecha.

Uma situação que provavelmente levou à diminuição das atividades do Bekáh foi a aproximação do homem branco nas comunidades Gavião. Porque antes do contato, o povo Gavião vivia só entre si, entre sua comunidade. E muito pouco se visitava o branco. Mas a partir do momento que houve a aproximação do homem branco, que os índios se aproximaram mais, que o branco começou literalmente invadir as comunidades Gavião, aí fez com que esse Bekàh ficasse por segundo plano e foi acabando. Os jovens não se interessavam mais pelo Bekàh.

O Bekàh era um espaço onde se discutia tudo. Não se passava despercebida nenhuma atividade ou coisas que fizessem parte da cultura. Um exemplo de atividade desenvolvida no Bekàh era o Boráhr, trata-se de um banho de ervas e raízes de plantas raspadas que servia para pessoas com experiências de caça e conhecedor da medicina poderia aplicar nos jovens esse remédio para que os jovens pudessem ser um bom caçador.

O Bekàh era um espaço que também servia para aconselhar, muitos dos sabedores tradicionais aconselhavam, olha é assim que se faz. Depois do bekáh sempre acontecia um mutirão, em grupo, em comunidade, a atividade prática. Por exemplo: uma maloca não se construía com uma pessoa, quem promoveu, quem fazia roça não se fazia a roça só, tudo era no coletivo. No Bekàh ensinavam como ia ser na prática. O Bekàh era um pontapé inicial do trabalho teórico. A teoria se discutia no Bekàh, depois os grupos partiam para atividade coletiva na prática.

2.4 - Bekáh: lugar e saberes em circulação

O objetivo desta parte da monografia é discutir algumas questões que já foram levantadas no interior das entrevistas. Fundamento estas reflexões a partir de meus saberes e experiência como Gavião e a partir das entrevistas concedidas para a realização deste trabalho.

Como já foi possível constatar, o Bekáh era o espaço onde eram ensinados os conhecimentos que o povo Gavião que passava de geração a nova geração, ou seja, para os demais membros da comunidade. O Bekáh segundo o cacique era onde a comunidade se reunia para fazer todos os seus trabalhos tradicionais. Neste espaço, eram discutidos vários assuntos do povo. Lá se falava também da preparação dos jovens para serem guerreiros, preparação dos jovens para serem bons caçadores. Lá, ensinavam a fazer flechas, ensinavam os jovens a respeitar uns aos outros.

A este respeito podemos retomar a fala de Moisés Seríhr, quando diz que,

[...] O Bekáh é onde se ensinavam a fazer flecha que era principal atividade do povo Gavião, ou seja, confeccionar flechas e arco. O arco e a flecha também são usados na ocasião de festas. Nestas festas tinha que ter a flecha para matar o porco e também servia para a busca do alimento na floresta. A flecha era uma atividade principal, ali também se ensinavam várias outras coisas para os jovens. Como caçar, como respeitar, como viver a organização social daquele povo, tudo se aprendia ali. (Moisés Seríhr Gavião, 2013).

Muito próximo da fala Seríhr está também a compreensão de Sebirop a respeito do que era ensinado no Bekáh, como podemos observar abaixo

A escola do índio não fica no pátio da aldeia, fica no mato mais ou menos quinhentos metros depois da aldeia, os mais velhos da etnia tem a função de ensinar neste lugar, ensinam seus filhos para aprenderem respeitar e falar com os outros. Neste lugar ensinar como convidar pessoas para festas, ensinam a fazer artesanatos e outras atividades. (Cacique Sebirop, 2013)

Vários outros tipos de trabalhos se discutiam no Bekáh. O Bekáh nada mais é, do que um espaço educacional do povo Gavião, ou seja, é o centro de informação onde os jovens recebiam frequentemente saberes de como poderiam se preparar para a vida adulta. É interessante notar o que Sebirop

fala sobre o Bekáh. Para ele, o Bekáh era um espaço quase exclusivo para os homens. As mulheres ficavam em casa aprendendo as suas atividades com as mães. Não havia problema elas irem ao Bekáh, porém o espaço era reservado para as atividades masculinas. E ali, cada um compartilhava com sua experiência para com os jovens, ensinavam e discutiam muitas outras situações que envolvia essa comunidade. O Bekáh veio acompanhando o povo Gavião durante um tempo milenar, ou seja, há muitos anos. Ele é um espaço histórico que o povo Gavião preservava.

Para o cacique Sebirop, o Bekáh não podia ser escolhido por qualquer pessoa, ou seja, o Bekáh era escolhido por pessoas ou, membros da comunidade, ou ainda, o chefe da família respeitado, que era bem visto pela comunidade. Então esta pessoa escolhia o espaço, o lugar no mato, de preferência um caminho que ligava uma aldeia a outra, ali, naquele caminho era escolhido o espaço. A fala de Sebirop mostra como se constituía a escolha do lugar,

[...] geralmente os mais velhos da comunidade escolhia um local para se construir o Bekáh, onde outras pessoas interessadas iam a este local para observar as atividades e aprender a fazê-las com os mais experientes chamados sabedores indígenas (Cacique Sebirop, 2013).

Este espaço era limpo pelas pessoas e, transformava-se no Bekáh. As pessoas se reuniam ali para fazer seu artesanato, sua atividade, contar histórias. Este lugar se tornava um espaço em que todos reuniam para trabalhar.

Isso durou muito tempo até que chegou o primeiro homem branco à comunidade Gavião, ali já começou ter algum impacto em relação à educação. A educação no Bekáh sofreu influência por conta da chegada do homem branco, por conta da chegada da escola como sendo o modelo do homem branco. É esse o modelo atual, ou seja, uma escola entre quatro paredes, ela substituiu o Bekáh. Antes, no Bekáh, ou seja, antes da escola, a organização social do povo Gavião, a forma de se organizar era diferente de hoje. A forma de se organizar era segundo o modelo tradicional. Naquele tempo não tinha

divisão entre trabalhador, não tinha divisão de classe social, todos eram iguais, todos ensinavam, todos aprendiam, todos eram alunos e todos eram professores.

Alguns compartilhavam com o outro, assim era a vida do povo Gavião. Não tinha divisão que poderia colocar um superior ao outro. Todos tinham o mesmo objetivo com a sua comunidade. E logo depois, ao longo de muito tempo, por consequência da influência da cultura ocidental, isso foi mudando. Antigamente quando ensinava no Bekáh, quando o mais velho ensinavam no Bekáh seus jovens e, seus filhos ensinavam seus netos a pescar, a roçar, mostrava que em toda atividade do dia-a-dia cada um ensinava o outro. Antes não se cobravam, antes não era remunerada, antes não tinha cobrança de pagamento. E assim todos compartilhavam com seus conhecimentos. A organização social da sua comunidade era igual, não tinha classe predominante. Claro que tinha hierarquia em relação ao o pajé e ao cacique. A comunidade tinha respeito porque tinha um líder.

O cacique e o pajé tinham um papel fundamental, trabalhavam juntamente para que se construísse uma comunidade em ordem. Mas não tinha punição severa com rigor na lei. Então todos viviam na harmonia. E com a chegada da cultura do não indígena, a escola, por exemplo, trouxe outro modelo diferente, trouxe outro mundo diferente de ensinar, de olhar e de viver. O modelo da escola do não índio trouxe outra forma de pensar a educação. Hoje quem ensina é o professor que é remunerado, contratado. Só ele que ensina na escola. E por ser remunerada, ele tem mais poder de consumo, e aí onde começa ter um pouco a diferença na classe social da sua comunidade.

O professor é visto como uma pessoa que recebe pelo seu trabalho do governo, por esse motivo, ele tem mais condições no que se refere ao poder aquisitivo do que a demais membros da comunidade que não é remunerado. Assim, a educação foi sofrendo várias mudanças no olhar da comunidade. E hoje com a alteração, com a mudança, com a vinda da globalização na era da tecnologia, os índios tentam acompanhar e, querendo ou não, os índios não podem parar no tempo. A comunidade tem que estar acompanhando essa

evolução e sempre discutindo, falando que o conhecimento do povo tem que se manter sempre vivo.

Por essa razão, o conhecimento tradicional, o conhecimento que o povo Gavião preservou até hoje tem que ser mantido. Por isso, o projeto Bekáh é muito importante para trazer esse assunto para escola, junto com a comunidade que não deve perder de vista, que um povo tem sua cultura, sua história e isso deve ser mantido. O projeto Bekáh traz um resgate muito importante na valorização do saber indígena, onde somente o saber tradicional pode contribuir com essa informação sobre o Bekáh.

Segundo o cacique Sebirop, o projeto do Bekáh tem uma grande importância para que a cultura do povo Gavião, haja vista contribuir para que a educação tradicional seja conhecida.

Para o cacique, a pesquisa pode garantir que os alunos tenham participação ou conhecimento de como era, de como o povo Gavião produzia suas formas de ensino e aprendizagem. O projeto do Bekáh tem uma grande importância para que a cultura, a raiz do povo Gavião venha continuar a ser vivo por muitos e muitos anos.

O papel do professor de hoje é falar sobre a valorização da sua própria identidade. E o Bekáh tem essa grande importância de preservar e de ter orgulho de ter uma história do seu povo. Eu me interessei para fazer esta pesquisa porque ao longo de muito tempo eu vinha percebendo a mudança da cultura, a mudança na forma da comunidade de estar vivendo hoje. Isso me preocupou bastante, e isso fez com que eu pensasse no projeto voltado para fortalecer o conhecimento do ensino tradicional do povo Gavião. Hoje não se vê muitos jovens pensando na sua cultura. Hoje, com a chegada radical do “homem branco” na comunidade, a chegada da tecnologia na aldeia, está fazendo com que os jovens tenham uma maneira diferente de pensar, fugindo um pouco de sua raiz e de sua cultura. Por isso a pesquisa é voltada para que os dois conhecimentos sejam discutidos e que os dois conhecimentos são importantes. Tanto conhecimento tradicional quanto conhecimento universal. O conhecimento da globalização.

Por isso cada comunidade, cada povo tem que manter a sua identidade viva. Tem que trazer para escola essa discussão, para não perder de vista a cultura. Por esse motivo eu busquei dialogar com os mais velhos, e fazer perguntas, por que o Bekáh está sendo esquecido. Segundo o cacique Sebirop “o próprio povo não interessa pelo seu conhecimento pelo seu trabalho tradicional”. A chegada do “homem branco” também teve uma parcela muito grande nessa influência. A este respeito podemos ver como o cacique Sebirop pensa a questão:

[...] depois do contato com o homem branco houve algumas mudanças em minha cultura, está um pouco diferente de antes do contato. Hoje os meus filhos eles não sabem pescar, eles não sabem caçar, eles não sabem fazer artesanatos como eu fazia antes do contato com homem branco. (Cacique Sebirop, 2013)

Como podemos observar a chegada da cultura do “homem branco” não pode acabar completamente com a cultura de outro povo. Nenhuma cultura pode estar acima de outra cultura. Cada cultura tem o seu valor segundo ela mesma. Por isso o povo Gavião tem todas as condições de manter a cultura viva e a sua língua. O objetivo principal da pesquisa que busquei investigar a respeito do Bekáh, é trazer a história do povo para que as novas gerações possam ter acesso a essa informação. Assim a educação do povo pode crescer junto.

Palavras Finais

Bekáh é o nome de um local de ensino, espaço reservado na floresta, um modelo de escola, onde o povo Ikólóéhj ensina e educa seus filhos. Ali são realizadas diversas atividades tradicionais, como fazer flechas, arcos, cocar e outros. Onde crianças, jovens e adultos participam de todos os acontecimentos. Os mais velhos, ou seja, a pessoa com mais tempo de experiência de vida ensina os jovens como deve respeitar as pessoas mais velhas, como aprender caçar, como andar no mato sem se perder na floresta, tudo isso é repassado para eles.

Que o jovem só pode casar depois de adquirir toda essa experiência. Também é ensinado ao jovem que durante o processo de crescimento (desenvolvimento físico) não pode ter envolvimento com mulheres, para que não atrapalhe o aprendizado, assim os jovens são ensinados, educados e preparados para a vida adulta. Geralmente o local do Bekáh é escolhido pelo mais experiente da comunidade, o mais experiente é aquela pessoa que promove festa, que reúne a comunidade para fazer roça, coleta de roça e que o povo tem como líder. Para melhor entendimento, o Bekáh é a escola do povo Ikólóéhj, onde o ensino e aprendizado são repassados através da oralidade, os conhecimentos da educação tradicional são passados de geração a geração pela sabedoria da oralidade do sabedor indígena. O mundo da escrita passava bem longe do Bekáh. Algumas pessoas da comunidade Gavião ainda utilizam o Bekáh como espaço para fazer as suas atividades, não mais com muita frequência como antes. Atualmente o sabedor vai ao Bekáh sem os jovens, ele vai mais para fazer seus artesanatos.

Com a chegada da escola nos padrões dos não indígenas, um modelo de casa para ensinar as crianças e os jovens – a escola, atualmente, não se dá mais tanta importância ao ensino no Bekáh. É lamentável ver alguém da comunidade que durante sua vida toda contribuiu na construção da educação do seu povo sozinho no Bekáh, guardando no seu interior a mais profunda sabedoria milenar que carregou em sua mente, e que ninguém é capaz de tirá-la o seu conhecimento, que não está sendo valorizado pela população. Com esse trabalho foi possível identificar a importância do Bekáh.

Acredito que um trabalho de revitalização com a população indígena poderá aproximar algumas ações comuns no processo de ensinar e aprender, entre a escola e o Bekáh. Uma conciliação entre o mundo da escrita (escola/não indígena) e a oralidade (bekáh/indígena) trazendo para escola a contribuição do sabedor indígena, assim valorizando a identidade étnica do povo Ikólóéhj.

Realizar a pesquisa sobre o Bekáh foi um trabalho sério e de responsabilidade que me proporcionou uma experiência muito importante de olhar para o passado em busca de construir o presente sem perder a origem. Assim, as histórias, os mitos, as músicas, as danças, a religião e a educação do povo Ikólóéhj podem se manter vivos através do registro e de trazer as experiências do Bekáh para dentro do modelo de escola do branco. Compreendo a grande importância de que o índio deve pesquisar e registrar a história de seu povo.

Aprendi que é possível e importante registrar e preservar a identidade cultural de um povo, mesmo porque os mais velhos, ou seja, os sabedores indígenas estão ficando poucos e os mais novos que herdaram as histórias milenares do povo já não tem tempo para estar repassando para as novas gerações. Um dos elementos que transformou o papel da oralidade foi a aproximação da outra sociedade e o acesso as tecnologias, como, por exemplo: televisão, celular, computador, internet e outras. Por outro lado, estas mesmas tecnologias podem se tornar ferramentas para o registro e a divulgação dos aspectos culturais de um povo indígena. Desta forma, usamos as tecnologias que estão em nosso alcance para preservar e repassar as nossas histórias para as gerações futuras.

Referências

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Aleliê Editorial, 2003.

FERREIRA, Marieta Moraes. **Historia tempo presente e historia oral**. Tapoi. Rio de Janeiro, p. 314-332, 2002.

SANTOS, Antonio Cesar de Almeida. **Fontes orais: testemunhos, trajetórias de e historia**. Disponível em <http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhostrajetoriasdevidaehistoria.pdf>. Acesso em 15 de out. 2014.

SEPIROP GAVIÃO, Catarino. Depoimento sobre o bekáh. [9 de Março, 2013]. Entrevistadores: Zacarias Kapiaar Gavião; Genivaldo Frois Scaramuzza. Ji-Paraná: **Audeia Ikolem, 2013**. Entrevista concedida ao projeto Bekáh: o lugar da educação tradicional Gavião do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR.

SERIHR GAVIÃO, Moisés. Depoimento sobre o bekáh. [20 de Abril, 2013]. Entrevistadores: Zacarias Kapiaar Gavião; Genivaldo Frois Scaramuzza. Ji-Paraná: **Audeia Ikolem, 2013**. Entrevista concedida ao projeto Bekáh: o lugar da educação tradicional Gavião do Curso de Licenciatura em Educação Básica Intercultural da UNIR.